

## **Educação e trabalho: sentidos atribuídos por estudantes da educação de jovens e adultos**

### **Education and work: meanings attributed by youth and adult education students**

Daiane Caetano Costa de Aquino <sup>1\*</sup>, Tânia Regina Raitz<sup>1</sup>

---

#### **RESUMO**

Este artigo apresenta resultados de uma investigação realizada no mestrado em educação, com o objetivo geral de compreender os sentidos da educação e do trabalho para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de um Centro Educacional público, do município de Itajaí-SC. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Na coleta dos dados foram aplicados questionários com 19 estudantes jovens, dentre esses, 7 participaram também das entrevistas semiestruturadas. As informações obtidas foram exploradas por meio da análise de conteúdo. Os resultados elucidam que os sentidos atribuídos pelos/as estudantes jovens da Educação de Jovens e Adultos à educação e ao trabalho se revelam de diversas formas e, por vezes, se entrelaçam, mostrando a diversidade destes sentidos. O sentido é algo experienciado de forma individual de acordo com a subjetividade de cada indivíduo, resultando em um leque de sentidos e situações relacionadas à educação e ao trabalho. Esses sentidos, por vezes, permeados por dificuldades ocasionadas pelo mercado de trabalho atual, que se mostra dinâmico, heterogêneo e complexo.

**Palavras-chave:** Jovens; Sentidos da educação e do trabalho; Educação de Jovens e Adultos.

---

#### **ABSTRACT**

This article presents the results of an investigation carried out in the master's degree in education, with the general objective of understanding the senses of education and work for students of Youth and Adult Education (YAE) in a public Education Center in the city of Itajaí, Santa Catarina. This is a qualitative research. For data collection, questionnaires were applied to 19 young students, 7 of whom also participated in semi-structured interviews. The information obtained was explored by means of content analysis. The results show that the senses given by the young students of Youth and Adult Education to education and to work reveal themselves in different ways and, sometimes, intertwine, showing the diversity of these meanings. The senses is something experienced in an individual way according to each individual's subjectivity, resulting in a range of senses and situations related to education and work. These senses are sometimes permeated by difficulties caused by the current job market, which is dynamic, heterogeneous, and complex.

**Keywords:** youth; senses of education and work; Youth and Adult Education.

---

---

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Itajaí

\*E-mail: [daiannyaquino@hotmail.com](mailto:daiannyaquino@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

O trabalho acompanha a história da evolução da humanidade, na pré-história, o homem tinha de plantar e colher seu próprio alimento, precisou confeccionar ferramentas que lhe permitissem caçar e abater animais para seu consumo. Diante disso, Marx e Engels (2007) denominaram por trabalho a atividade do homem em empregar sua força para transformar a natureza a fim de produzir os meios que lhe permitissem prover o seu sustento. Já Albanoz (2008), em seu livro intitulado *O que é trabalho?* não conceitua o termo, mas traz a etimologia da palavra de forma a provocar reflexões sobre essa atividade humana, que toma diversas conotações e que ainda pode ser classificada de acordo com a origem da ação, podendo ser um esforço de cunho intelectual ou físico.

Em meados do século XVIII e ao longo do século XIX, o desenvolvimento da sociedade moderna ocidental teve como precursor o processo de industrialização iniciado na Europa, o qual ocasionou mudanças em relação ao trabalho, que passou de atividade prioritamente manual, voltada à subsistência, ao trabalho nas indústrias têxteis e manufaturas assalariadas. Surge, então, com a Revolução Industrial, o conceito de emprego, que resulta da possibilidade de compra e venda da força de trabalho.

Com a expansão das indústrias, vem à tona a necessidade de preparar os/as futuros/as empregados/as para atuarem nas fábricas operando máquinas. A educação, que antes era um privilégio somente da classe burguesa, chega às classes populares. Esse processo de escolarização, agora em massa e não mais somente elitista, tem como intuito formar mão de obra para trabalhar na indústria. No Brasil, acontece o mesmo movimento que ocorreu na Europa, e a educação, que antes do processo de industrialização (entre as décadas de 1940 e 1950 do século XX) era acessada apenas pela elite brasileira, passa a incluir as camadas populares, ofertando uma educação que se volta prioritamente para as necessidades do mercado de trabalho.

Nas últimas décadas do século XX, mais precisamente no início deste século, as transformações ocorridas na sociedade e os avanços tecnológicos no mundo vêm interferindo diretamente na relação entre a educação e o trabalho. Com a reestruturação constata do mundo do trabalho, novas competências têm sido exigidas do/da trabalhador/a, não há estabilidade nos empregos, profissões sendo extintas e outras criadas velozmente de acordo com as demandas do mercado de trabalho. Desse modo, novos perfis de profissionais têm sido exigidos, pessoas que sejam flexíveis, polivalentes,

capazes de adaptarem-se às novas funções. E para muitas pessoas jovens ou pessoas adultas, a oportunidade de escolarizar-se e alcançar a certificação mínima exigida por determinada ocupação laboral, se dá por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Essas exigências ditadas pelo mundo do trabalho, fizeram com que as autoras desta pesquisa, observassem dificuldades enfrentadas pelo/as estudantes jovens da EJA em diferentes dimensões relacionadas à educação e ao trabalho. No entanto, duas situações constantes sobressaíam: a efetuação e o cancelamento de matrículas, ambas tinham como precursoras o trabalho, ou seja, os/as estudantes abandonavam a escola e retornavam por motivos relacionados ao trabalho. Essa constatação levou-a as questões que estavam associadas às trajetórias escolares e de trabalho desses/as estudantes, o que originou o problema central desse estudo: Quais os sentidos atribuídos pelos/as estudantes da EJA a respeito da educação e do trabalho?

Diante da situação problema exposta, com vista a responder à questão norteadora, o objetivo geral da investigação, ficou assim definido: compreender os sentidos da educação e do trabalho para estudantes da EJA, de um Centro Educacional público do município de Itajaí-SC. Esse objetivo foi desdobrado e originou três objetivos específicos, a saber: a) caracterizar o perfil socioeconômico e escolar dos/das estudantes da Educação de Jovens Adultos; b) identificar a relação que se estabelece entre educação e trabalho no que diz respeito às experiências de desemprego e as ocupações atuais; c) analisar as dificuldades em conciliar educação e trabalho ou de inserção profissional.

Mediante esses objetivos, este artigo está estruturado em cinco tópicos. O primeiro consiste na discussão acerca da relação entre educação e trabalho. O segundo faz uma reflexão sobre a categoria juventude numa perspectiva histórico-sociocultural. O terceiro aborda brevemente a realidade atual da EJA no país e discorre sobre como é organizada a oferta da EJA no município de enunciação dos participantes. O quarto apresenta como foi o percurso metodológico e o quinto tópico traz os achados da pesquisa.

## **EDUCAÇÃO E TRABALHO**

Em virtude das metamorfoses que o trabalho vem passando, a educação, independentemente da etapa ou da modalidade de ensino que seja ofertada, torna-se um ponto crucial na preparação dos indivíduos para atuar futuramente no mercado de trabalho. Já, para os/as jovens que compõem a categoria mais afetada pelas transformações constantes do mundo do trabalho, a escolarização torna-se exigência

mínima, para conseguir disputar um lugar no mercado de trabalho. De acordo com Antunes (2009, p. 131), é latente a “[...] necessidade crescente de qualificar-se e melhor se preparar para conseguir trabalho”. A escolarização voltada para a preparação laboral não é, portanto, um bilhete de passagem que dá direito ao voo que leva direto em direção à inserção profissional, mas já é o passaporte que lhe dá possibilidades de tentar embarcar nesse voo; em outras palavras, ela não garante emprego ou trabalho, mas propicia maiores condições ao/à jovem para buscar seu espaço no mundo do trabalho.

Nesse cenário, a escola é tida como instituição responsável pela formação de trabalhadores/as (mão de obra), e está a cargo das demandas criadas pelo mundo do trabalho, ou seja, a formação do ser na “[...] integralidade física, mental, cultural, política, científico-tecnológica” (CIAVATTA, 2005, p. 3) não tem espaço nessa perspectiva capitalista de preparação. Segnini (2000) ressalta que a educação e a formação profissional aparecem hoje como questões centrais, pois a elas são conferidas funções essencialmente instrumentais, ou seja, capaz de possibilitar a competitividade e intensificar a concorrência, adaptar trabalhadores/as às mudanças técnicas atendendo às exigências do mundo do trabalho. Nesse sentido, o processo educacional é visto como possibilidade de minimizar os efeitos do desemprego e como fator determinante para a ascensão profissional e econômica, uma visão desenvolvimentista da educação, que atribui à escola a tarefa primordial de preparar os/as estudantes para inserir-se e manter-se no mercado de trabalho.

Ao considerarmos o que foi mencionado anteriormente, é pertinente salientarmos que o processo de inserção profissional ou até mesmo de manutenção do emprego já conquistado não é linear e não depende somente do/da trabalhador/a, mas das regras ditadas pelo sistema capitalista, que cria, recria e exclui demandas de empregos em uma velocidade muito intensa, sem contar que incuti ao/à trabalhador/a o fardo de ter de se tornar empregável, atribuindo a ele/a o mérito de seu sucesso ou fracasso profissional, bem como a posição social que se encontra.

Emerge então a necessidade de desviarmo-nos dessa visão desenvolvimentista que foi depositada pela sociedade à educação e tornarmos a vê-la como uma ferramenta que possibilite ao indivíduo ter acesso ao saber científico vinculado ao saber escolar<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Saber escolar: trata-se do saber construído na escola, fruto da interação do saber científico com o saber popular, afetado pelas vivências dos alunos e dos/das profissionais que trabalham na escola (SAVIANI, 2004).

Uma educação que, segundo Arroyo (1998), seja universal “[...] não apenas no sentido para todos, mas de dar conta da universalidade, pluralidade, omnilateralidade das dimensões humanas e humanizadoras a que todo indivíduo tem direito por ser e para ser humano” (ARROYO, 1998, p. 155).

Pochmann (2004, p. 385) aponta a urgência em fazer com que a educação “[...] passe a significar novamente oportunidades redobradas de ascensão social e, não como hoje, uma defesa, aliás, profundamente precária contra a elevação do desemprego e a queda do nível de renda”, e, ainda, que possibilite aos/às cidadãos/ãs sua erudição, e de forma mais natural o acesso ao trabalho como um direito de todos/as, sem que a educação esteja sempre a serviço da formação do indivíduo para atuação no mercado de trabalho, até porque este se mostra instável e tendo como característica a escassez de postos de trabalho formal com uma progressiva precarização dos postos existentes.

Na relação estabelecida entre educação e trabalho, a juventude é a categoria da sociedade que mais vem sofrendo com os reflexos dessa complexa articulação, vivenciado níveis elevados de desemprego, subemprego, condições precárias de inserção profissional, dificuldades em conciliar educação e trabalho etc. Diante dessas situações vivenciadas pelos/as jovens, o tópico a seguir, faz uma reflexão sobre essa categoria social à luz da perspectiva histórico-sociocultural.

## **JUVENTUDE(S)**

A juventude demarca um período de transição na vida do sujeito, em que ele não é nem criança nem adulto, pois algumas de suas características estão sendo esculpidas e outras lapidadas. É uma fase marcada por transformações físicas e psicológicas, pelo vigor físico, curiosidades, expectativas, certezas, incertezas; é um momento propício às buscas, às experimentações e às constatações. Por ser uma fase complexa, a ordem linear de seu desenvolvimento só pode ser aplicada às transformações biológicas referentes à maturação de seu corpo; e não se estende às configurações particulares da sua maneira de ser, de pensar e de agir, ou seja, sobre a sua composição comportamental.

Ao considerarmos que a fase da juventude ultrapassa abordagens pautadas em ordens cronológicas, previamente definidas por etapas etárias delimitadas, igualmente para todos os indivíduos, percebermos o evento da vida denominado de juventude é algo muito audacioso a se fazer, visto que o próprio conceito de juventude não é algo fácil de construir, até mesmo porque a juventude vem se transformando ao longo do tempo e

assume diferentes características de acordo com o contexto histórico e social em que está imersa.

O termo juventude é complexo, mas, muitas vezes, sua complexidade é mascarada por conta da nossa identificação pessoal com essa fase da vida, por estarmos cercados por indivíduos jovens, pelos conteúdos expostos nas mídias (televisão, rádio, internet) voltados a esse público, por sermos, ansiarmos ser ou já termos sido jovens. Nas palavras de Abramo (2011, p. 37), “[...] juventude é desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas”. De acordo com o que a autora sinaliza, atentarmos para juventude e a utilização do termo é pertinente, pois, embora o termo pareça algo simples devido às familiaridades mencionadas anteriormente, é melindroso e vem sendo abordado recorrentemente por diversos/as autores/as e distintas esferas de atuação, sejam elas públicas ou civis.

Conforme Dayrell (2003), quando o/a jovem nasce em determinada época, a sociedade da qual passou a fazer parte já existia, o contexto que então será vivenciado por ele/a irá influenciar diretamente na sua maneira de ser, agir e interpretar as relações sociais que serão estabelecidas entre ele/a e a sociedade, bem como na sua própria produção de cultura. Para Groppo (2000), a juventude é uma forma de representação de uma situação social, foi criada por outros grupos sociais ou até mesmo pelos indivíduos que se julgam jovens, como possibilidade de legitimar as atitudes e os posicionamentos conferidos a essa categoria denominada de juventude (GROPPO, 2000).

Sem dúvida, estabelecer a juventude como categoria social não é reduzi-la à homogeneidade, visto que, dentro dessa categoria social, os indivíduos jovens possuem suas singularidades, relacionadas ao contexto que estão inseridos, à etnia, à religião, ao gênero, à classe social que pertencem. A experiência de ser jovem é, portanto, única, mesmo que, em alguns momentos, apresente pontos ou características comuns a todos/as os/as jovens de determinada época e contexto. Ao levarmos em consideração a heterogeneidade de experiências constituídas pelos vários contextos históricos e sociais, que contribuem na formação da identidade de cada sujeito jovem, autores como Abramo (2005), Dayrell (2007), Pais (2009) utilizam os termos “condição juvenil” em vez de classe social, e “juventudes” no plural, para referirem-se à juventude e aos/às jovens. Isso contribui para que não exista um padrão de juventude, tampouco a condição juvenil é vivenciada da mesma maneira por todos/as os/as jovens.

Dayrell (2003, p. 42) explicita que: “A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem ela assume uma importância em si mesma”. Para além de uma categoria social, a juventude trata-se de um relevante momento que não deve ser negligenciado, ao ser reconhecida apenas como um período da vida que sucede a infância e que antecede a fase adulta, mas como uma fase propensa há várias descobertas e potencialidades a serem concebidas. Assim sendo, cada época traz consigo diversidades de situações e práticas estabelecidas de acordo com seu contexto. Tendo o/a jovem como um sujeito social historicamente constituído, é natural que cada momento traga consigo uma interpretação própria da condição juvenil.

Dependendo do momento histórico vivenciado pela juventude, a sociedade pode criar e atribuir a ela estereótipos e mistificações. Na década de 1950, a juventude foi rotulada de delinquente, predisposta a apresentar problemas de conduta: envolvimento com drogas, criminalidade e violência. Estigmatizada, de acordo com Abramo (1997, p. 30), como “rebeldes sem causa”, a sociedade então atribuiu o momento da juventude como sendo uma “fase inerentemente difícil” conturbada, propensa à transgressão de regras.

Diante das diferentes gerações juvenis, Peralva (1997) e Mische (1997) denominaram esse fenômeno de “identidade geracional”, ou seja, cada geração possui características próprias que a distingue das outras e as experiências vividas não são anuladas pela seguinte. Já Abramo (1997) destaca a projeção que a sociedade impõe entre uma juventude em relação à outra, como categoria geracional, na qual a geração atual recebe instantaneamente a “missão” de resolver os dilemas sociais que assolaram a anterior bem como a virtualidade de transformá-la.

O mais importante, ainda, sobre a definição de juventude é vista por alguns(mas) autores/as como Abramo (1997), Carrano (2000), Dayrell (2003), Sposito (2007), entre outros/as, que discutem a unidade e a diversidade quanto ao termo, ultrapassam as visões reducionistas e deterministas sobre os/as jovens e trazem a perspectiva histórico-sociocultural para conceituar essa categoria da sociedade.

Posto isso, sobre a categoria juventude(s), partindo do pressuposto de que o indivíduo jovem constitui sua identidade e atribui sentidos às situações vivenciadas nas relações sociais, no caso desta investigação, a ênfase dá-se em duas atividades essencialmente humanas: educação e trabalho. É com o intento de chegar à compreensão dos sentidos atribuídos pelos/as estudantes jovens, em relação a essas duas categorias,

que no próximo tópico abordamos o conceito de “sentidos” atrelado à educação e ao trabalho.

## **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM OLHAR PARA LEGISLAÇÃO**

No final do ano de 1996, no dia 20 de dezembro, foi promulgada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) Nº 9.394. Cabe ressaltar que sua promulgação contribuiu de forma relevante para reafirmar o direito de acesso à educação pública previsto na Lei Magna desde 1824, quando o Brasil ainda era Colônia de Portugal. Isso se deve principalmente a dois fatos: o primeiro está relacionado à responsabilização da União em regime de colaboração com os estados, o distrito federal e os municípios em ofertar a Educação Básica gratuitamente, portanto assegurada como um direito de todo cidadão. O segundo e mais relevante para a EJA é a redação que, pela primeira vez, não vincula as pessoas jovens e adultas somente no “todos”, mas em escrita própria e considerando as especificidades dos alunos. Isso pode ser constatado no Art. 4, parágrafo VII, no trecho da LDB a seguir que trata da: “Oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1996, p. 2).

Após vários movimentos, programas e projetos voltados a alfabetizar jovens e adultos e/ou proporcionar a conclusão da educação básica, a partir do ano de 2003 assume um governo de orientação popular que dá um tom diferente para as ações pensadas com vistas a contemplar à população jovem e adulta, que se encontra em situação de vulnerabilidade social, política e econômica. Esse governo criou e implantou novos programas, ambos com uma característica em comum: articular Políticas Públicas de educação, trabalho e renda, entre eles: Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA (BRASIL, 2006a), Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM (BRASIL, 2008), Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC (BRASIL, 2011).

Quanto às Políticas Públicas Educacionais mais atuais voltadas a atender as especificidades dessa modalidade de ensino, ainda são insuficientes e as que existem não são efetivamente colocadas em prática, como, por exemplo: as metas 8, 9 e 10 do PNE referente ao decênio de 2014 até 2024, que contemplam aspectos relacionados à EJA:



Meta 8: elevar a escolaridade média da população de 18 (dezoito) a 29 (vinte e nove) anos [...]

Meta 9: elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% [...]

Meta 10: oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional. (BRASIL, 2014, p. 8-9).

Se olharmos para os dados estatísticos divulgados em 2016, pelo Censo Escolar da Educação Básica (INEP, 2017), constataremos que a EJA está indo na contra mão do que se traçou nessas três metas do PNE, no que diz respeito: à elevação da escolaridade das pessoas de 18 a 29 anos, que residem no campo ou na região de menor escolaridade do país; à erradicação do analfabetismo absoluto, ao aumento da taxa de analfabetismo e à redução do analfabetismo funcional; à oferta de, no mínimo, 25% das matrículas do Ensino Fundamental e Médio de forma integrada à educação profissional.

Os dados divulgados apontam a realidade atual da EJA no país, que, se comparada às outras etapas da Educação Básica, vem apresentando um declínio mais acentuado no que diz respeito à quantidade de matrículas e de escolas que ofertam a modalidade. Cabe dizer que, ao longo da história brasileira, vem sendo constituída por programas voltados, principalmente, ao combate do analfabetismo, que se limitam à oferta da Educação Básica em formato de aceleração e/ou a capacitação rápida para o ingresso no mercado de trabalho, por meio da certificação. No entanto, certamente essa modalidade tem potencial para promover efetivamente a educação do indivíduo, em que a capacitação e a qualificação para o mercado de trabalho serão uma consequência da formação ampla e integral, tendo como premissa que “[...] garantir o acesso de pessoas jovens e adultas à educação é, antes de tudo, respeitar um direito humano” (SCHARF, 2006, p. 20).

Atualmente, em nosso país, a EJA é ofertada por instituições públicas integrantes dos Sistemas de Ensino Federal, Estadual, Municipal e do Distrito Federal, e por instituições privadas, ambas regulamentadas pelas normatizações estabelecidas na LDB e pelas Diretrizes Operacionais para EJA dispostas na Resolução Nº 3, de 15 de junho de 2010, do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2010). Especificamente no município de Itajaí, que serviu com lócus de enunciação dos participantes desta pesquisa a oferta da EJA teve início em 1950, por meio da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA. A adesão ocorre uma década depois de a CEAA ser lançada nacionalmente e no seu último ano de vigência. Mesmo com a extinção da CEAA, o

município continuou ofertando a EJA e concebendo aos/às alunos/as a alfabetização e a certificação em nível primário, ou seja, a conclusão da 4ª série, que atualmente corresponde ao 5º ano do Ensino Fundamental de nove anos, estabelecido pela Lei N° 11.274 em vigor desde 6 de fevereiro de 2006 (BRASIL, 2006b).

Desde a sua implantação em 1950 até os dias atuais a EJA no município de Itajaí passou por diversas configurações, e atualmente é ofertada no formato de ciclos: 1º e 2º ciclos/anos iniciais; 3º e 4º ciclos/anos finais, e o 5º que corresponde ao Ensino Médio. Os ciclos são divididos em módulos e os módulos subdivididos em uma ou mais disciplinas, cada módulo tem duração de um bimestre. 1º e 2º ciclos correspondem ao primeiro segmento do Ensino Fundamental - séries iniciais. O 3º e o 4º ciclos equivalem ao segundo segmento do Ensino Fundamental - séries finais. Para concluir cada etapa - primeiro ou o segundo seguimento do Ensino Fundamental - caso não haja reprovação ou abandono, o/a aluno/a levará um ano letivo. No quadro a seguir apresentamos, de forma simplificada, a organização dos ciclos, em módulos e em disciplinas que compõem a EJA no município de Itajaí/SC:

**Quadro 1** - Organização dos ciclos da EJA por módulos e disciplinas

<b>MÓDULOS</b>	<b>DISCIPLINAS DOS 1º, 2º, 3º e 4º CICLOS</b>
1	Matemática
2	Língua Portuguesa, Arte, Inglês e Educação Física
3	Geografia e História
4	Ciências
<b>MÓDULOS</b>	<b>DISCIPLINAS DO 5º CICLO</b>
1 e 2	Matemática e Física
3 e 4	Língua Portuguesa, Arte, Inglês e Educação Física
5	História, Geografia, Sociologia e Filosofia
6	Biologia e Química

Fonte: Elaborado pela autora com base no documento que determina as Diretrizes Municipais para Educação de Jovens e Adultos (EJA) – 2016 (ITAJAÍ, 2016).

A organização da EJA em Itajaí segue as orientações supracitadas, e, atualmente, a EJA é ofertada em oito instituições de ensino municipais. Segundo o que preconizam as Diretrizes Municipais para Educação de Jovens e Adultos de Itajaí, a modalidade de ensino tem como objetivo principal “[...] possibilitar o pleno desenvolvimento do adolescente, jovem e adulto por meio da sua instrumentalização para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (ITAJAÍ, 2016, p. 11). Nesse pequeno extrato das Diretrizes, vemos, claramente, a preocupação por parte do município de Itajaí

em ofertar a EJA primando pela articulação entre a educação e a preparação para o mercado de trabalho.

## **METODOLOGIA**

A escolha dos participantes da pesquisa se deu em virtude do compromisso político da pesquisadora com a EJA e por seus estudantes, e, certamente, está relacionado ao seu contexto familiar, maiormente às suas inquietações como profissional atuante na EJA, por ter vivenciado sucessivos casos de ingresso e abandono por situações relacionadas ao trabalho.

Constituíram a amostra total de participantes desta pesquisa 19 estudantes com idade entre 18 e 29 anos. Desse universo, sete jovens, além de responderem ao questionário, participaram da entrevista, dos quais dois são do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Em consequência da delimitação da idade dos/das participantes, por concentrar a maior quantidade de estudantes dentro da faixa etária de interesse, o estudo contemplou estudantes do Ensino Médio, a coleta de dados ocorreu no ano letivo de 2018.

Este estudo se pautou na abordagem qualitativa. Trata-se de uma abordagem de pesquisa que leva em consideração a subjetividade de cada indivíduo. Podemos dizer também que a abordagem qualitativa possibilita uma interação mais confortável entre os/as pesquisadores/as e os/as participantes, o que propicia uma compreensão mais próxima da realidade e dos sentidos que os/as participantes atribuem ao objeto da pesquisa. Conforme Minayo (2018), a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2018, p. 20).

Para garantir o sigilo das respostas e o anonimato, foi solicitado que, dentre uma lista com os principais minerais e pedras preciosas brasileiras, os/as participantes escolhessem, por ordem de preferência, opções para serem definidas como seus pseudônimos, os quais ficaram assim definidos: Alexandrita, Diamante, Esmeralda, Jade, Quartzo, Rubi e Safira. Para diferenciar as falas derivadas da entrevista, das respostas referentes a três perguntas abertas que compunham o questionário, foi utilizada após o pseudônimo do/da participante a letra “E” para entrevista e a letra “Q” para se referir ao questionário, ambas entre parênteses.

A escolha do questionário, com questões predominantemente fechadas, como primeiro instrumento a ser aplicado, deu-se com o propósito de caracterizar o perfil dos/das estudantes da EJA. Almejando compreender os sentidos da educação e do trabalho para os/as estudantes jovens da EJA, identificar a relação que se estabelece entre educação e trabalho, no que diz respeito às experiências de desemprego e às ocupações atuais e, ainda, analisar as dificuldades em conciliar educação e trabalho, foram realizadas entrevistas com sete jovens dentre os 19 que corresponderam ao questionário.

Para ir além do que estava aparente nas falas dos/as participantes, em busca de desvendarmos a essência e os detalhes das informações fornecidas, o recurso adotado foi a Análise de Conteúdo, tratada por Bardin (2016, p. 44) “[...] como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Consideramos, então, na análise dos dados, a subjetividade contida nas falas dos/das participantes, que foram então contextualizadas, interpretadas e fundamentadas teoricamente, com a finalidade de compreender de forma qualitativa o objeto de estudo. Após a explanação do caminho percorrido nessa pesquisa, o tópico em seguida traz os dados coletados e análises inferidas.

## **PERFIL SOCIOECONÔMICO E ESCOLAR DOS/DAS ESTUDANTES JOVENS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS**

A Educação de Jovens e Adultos no município de Itajaí, em suas Diretrizes, salienta que o “[...] perfil do aluno da EJA compõe-se partir de um mosaico de ‘perfis’” (ITAJAÍ, 2016, p. 9). Assim, podemos afirmar que não existe uma EJA, mas, sim, várias EJAs, estabelecidas pelo entrelaçamento das identidades dos/das estudantes que a compõem em determinado espaço (ARROYO, 2007). Em concordância com essa premissa, apresentamos, a seguir, o perfil dos/das estudantes jovens do Ensino Médio (5º ciclo) da EJA, do Centro Educacional Municipal que serviu como *Lócus* para realização desta pesquisa.

Constatamos que, nesta turma, 53% dos/das estudantes nasceram em Itajaí, 16% vieram de outras cidades do estado de Santa Catarina, e 32% são provenientes de outros estados do Brasil (Bahia, Alagoas e Pernambuco). Não há, assim, estudantes advindos/as de outros países. Entre os/as participantes respondentes do questionário, todos/as atualmente residem no município de Itajaí, 16 no bairro da Cidade Nova, local em que o

Centro Educacional está localizado, e três estudantes vêm de outros bairros do município, sendo um do bairro Espinheiros, um do São Vicente e um do Rio Bonito.

O deslocamento de estudantes de outros bairros para estudar neste Centro Educacional dá-se em virtude do Rodízio de Disciplinas que ocorre especificamente nas turmas de 5º ciclo (Ensino Médio), dentre as sete instituições de ensino municipais, que ofertam essa etapa da modalidade de EJA.

Com a apuração dos dados obtidos no questionário quanto ao fator idade, foi possível perceber que 32% dos/das estudantes dessa turma são bem jovens, estão na faixa etária entre 18 e 20 anos de idade, o que demonstra que apresentam poucos anos de defasagem idade/série se comparados aos/às estudantes do Ensino Médio regular. Mesmo assim, optaram pela EJA, talvez por terem descoberto a possibilidade de concluir o 5º ciclo (Ensino Médio) em apenas um ano e meio e não em 3 anos, como ocorreria se estivessem no ensino regular. O que nos leva a essa constatação é o fato de que, dentre os/as jovens que pararam de estudar, 79% retornaram almejando concluir o Ensino Médio para fazer um curso profissionalizante ou uma graduação. Assim sendo, todo o tempo que conseguirem otimizar contribuirá para o alcance de suas aspirações futuras.

Outro fator que pode ser determinante no momento de optar por cursar o Ensino Médio na EJA (5º ciclo), em detrimento do Ensino Médio *regular*<sup>3</sup> (voltado a adolescentes), dá-se em virtude de que os/as estudantes da EJA são em maioria indivíduos que trabalham e precisam conciliar a vida laboral, a vida familiar com os estudos, e “[...] o funcionamento da escola regular é pouco permeável à flexibilização, seja das cargas horárias, dos horários de entrada e saída e da distribuição dos tempos escolares, seja dos modos de conceber, realizar e avaliar atividades didáticas” (FONSECA, 2007, p. 18).

Quanto ao estado civil, 53% dos/as participantes são casados/as e/ou estão em uma união estável, enquanto 47% permanecem solteiros/as. Dentre os/as solteiros/as, nenhum/a mora sozinho/a, o que conota dependência financeira, pois contam com a ajuda da família para assegurar o seu sustento, ou que, ainda, preferem a comodidade da casa e o amparo bem próximo dos pais. Eles/as estão, assim, adiando a saída dos seus lares de origem e a constituição de um novo núcleo familiar. Esse fenômeno que vem ocorrendo

---

<sup>3</sup> A palavra regular foi utilizada no texto para facilitar a compreensão do leitor, no entanto quando nos referimos a uma etapa ou modalidade como sendo regular, subentende-se que outras são irregulares e não é o caso EJA, que como parte e modalidade da educação básica é também regular.

em maior escala na atualidade é definido por Léon (2005) como “[...] alargamento ou prolongamento da juventude” (LÉON, 2005, p. 17).

No que diz respeito à renda familiar, 32% dos/das participantes são oriundos/as de famílias que possuem renda mensal de até um salário mínimo. Essa questão abre espaço para inferência de que essas famílias não possuem recursos disponíveis para investir em outras atividades para além de suas necessidades básicas cotidianas (alimentação, transporte, gastos com energia elétrica e água encanada).

O fato de que mais da metade dos/das participantes moram junto à família em imóvel próprio e quitado, e, portanto, não possuem gastos com aluguel residencial, ajuda a compreendermos como parte considerável dos/das estudantes consegue sobreviver tendo renda familiar tão baixa.

Quanto à situação de trabalho atual dos/das participantes, ficou evidente que, dentre os/as que estão desempregados/as, apenas uma participante não está procurando emprego, porque está estudando e pretende se dedicar somente a essa atividade. Essa participante pode ser considerada um desvio no padrão dessa amostra, já que os/as demais participantes estão à procura de emprego.

Os dados dos questionários revelaram que, antes de ingressar na EJA, o nível de escolaridade da maioria dos/das estudantes estava entre a 7ª e a 8ª séries (8º e 9º anos do Ensino Fundamental de nove anos), correspondendo a 68% da amostra total. A interrupção dos estudos ocorreu em virtude de diversas motivações, entre elas, de forma mais acentuada, chamam atenção dois motivos em específico: a gravidez e a necessidade de ingressar no mercado de trabalho.

A única pergunta do questionário em que todos/as os/as estudantes foram unânimes na escolha da opção de resposta foi à seguinte: *Você acha que com o estudo vai conseguir um trabalho melhor?*. Todos/as assinalaram a opção “sim”, o que demonstra que, no imaginário dos/das participantes da pesquisa, assim como no de muitos/as jovens brasileiros/as, conforme foi impresso nas reflexões de Guimarães (2011), eles/as acreditam que existe uma relação linear entre a conclusão dos estudos (mesmo que em nível básico) e melhor colocação no mercado de trabalho.

Ao concluirmos a caracterização do perfil dos/das estudantes jovens da EJA que responderam ao questionário, foi possível conhecê-los/las um pouco melhor. No tópico a seguir, serão apresentadas as informações coletadas nas entrevistas, a começar por

aquelas que dizem respeito às relações estabelecidas entre educação e trabalho na vida dos/das participantes.

## RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE EDUCAÇÃO E TRABALHO

Diante do atual contexto econômico e social que vivemos, Segnini (2000) destaca que a relação estabelecida entre educação e trabalho se tornou algo necessário, porém insuficiente. E mesmo os/as jovens que configuram a categoria da sociedade mais afetada por essa relação tão sinuosa, muitos/as ainda se mostram esperançosos/as nas possibilidades que poderão ter no futuro por meio da relação educação e trabalho, como é o caso dos/das depoentes desta pesquisa.

Quando os/as jovens durante as entrevistas individuais foram indagados/as sobre “o que a educação representava ou qual o sentido que ela tinha em suas vidas”, para três participantes, a educação apareceu vinculada aos seus projetos futuros, o que demonstrou que recorreram a EJA, pois “[...] sonham que através da educação terão outro futuro”, melhor do que a situação que estão vivendo no momento presente (ARROYO, 2007, p. 4). Expressam a sensação de satisfação e contentamento por estarem estudando, e, ainda, deixam transparecer a aspiração de oportunidades a serem cunhadas por meio da educação. Os depoimentos a seguir demonstram isso:

*O sentido da educação é você estudar para ter um futuro melhor! (Jade – E).*

*Uma perspectiva de vida! Um recomeço, um novo começo, poder voltar a estudar é um recomeço. (Esmeralda – E).*

*Eu posso alcançar muitas coisas! Ela é um caminho e abre portas para a pessoa lá na frente! (Diamante – E).*

Sentidos novos à educação são acrescentados por duas participantes. Para *Alexandrita*, a educação representa a aquisição de conhecimentos; e, para *Rubi*, vai um pouco além disso, a educação é vista como algo fundamental para se ter e se “passar adiante”, ou seja, compartilhar o que foi aprendido. A fala de *Rubi* apresenta um sentido embebido de um sonho, que foi revelado momentos antes mesmo da entrevista ocorrer e registrado no diário de campo. Ela sonha em cursar uma graduação em Pedagogia para tornar-se professora e trabalhar com as crianças de zero a seis anos. A conferir as narrativas de *Alexandrita* e *Rubi*:

*A educação é uma peça fundamental! Para a vida do ser humano. Ter conhecimento, aprender e poder passar isso adiante é muito gratificante. (Rubi – Q).*

*A educação pra mim é a gente ter conhecimento. (Alexandrita – E).*

Na perspectiva dos/das jovens entrevistados/as na pesquisa, identificamos que as relações entre educação e trabalho estabelecidas estão intrinsecamente ligadas à articulação entre a formação mínima exigida, no caso específico deles/as o Ensino Médio completo, e o acesso ao mercado de trabalho. As interfaces da educação (escolarização) com a vida laboral em suas vidas ocorrem de diversas formas. Eles/as veem na educação a possibilidade de construir conhecimentos, de traçar uma nova perspectiva de vida, de ingressar ou reingressar no mercado de trabalho, de alcançar ascensão na carreira atual ou uma melhor posição na ocupação desenvolvida. Jovens que se apegam à educação e ao trabalho como forma de existência, de ascensão econômica e social, que retornam à escola, com a motivação de estudar para conseguir um trabalho que lhes deem condições de ter uma vida mais digna.

Já o sentido inicial do trabalho remetido à renda e, conseqüentemente, como possibilidade de garantir o sustento próprio e/ou da família, apareceu de forma bem evidente na fala dos sujeitos, encontrando-se uma das jovens (*Safira*) em situação de desemprego. E, ainda, pode ser observado na fala de *Diamante* um sentido relacionado à aquisição de bens que colaborem com a sobrevivência:

*Trabalhar para conquistar minhas coisas. Ter minha carteira de habilitação, ter meu carro, minha casa. (Diamante – E).*

O sentido de trabalho atrelado à sobrevivência, por meio da renda gerada pelo trabalho, pode ser percebido nas seguintes falas:

*É essencial né?! Porque se você não tem trabalho, não tem nenhum ganho. Não tem como tu manter você e nem a sua família. (Safira – E).*

*É onde você tira seu sustento. (Alexandrita – E).*

*Na minha opinião, trabalho é questão de sobrevivência. (Quartzo – Q).*



Isso demonstra que o sentido do trabalho relacionado à renda e à sobrevivência é atribuído tanto pelos/as jovens que estão trabalhando quanto para os/as que se encontram desempregados/as.

Constatamos, ainda, que o trabalho se apresenta na vida desses/as jovens como componente central. Essa ênfase pode estar relacionada ao que Paro (1999, p. 106) chamou de “realização do bem viver”, em que o/a trabalhador/a usufrui o que o seu trabalho lhe pode proporcionar. Em específico, no caso dos jovens, é a renda, que necessitam para produzir sua vida material (bens necessários à sua sobrevivência); e, no caso das jovens mulheres, também obter a tão sonhada independência financeira.

Quando indagados/as sobre se estão satisfeitos com sua ocupação atual (emprego/trabalho), os/as participantes apresentaram posicionamentos diferentes. *Alexandrita* trouxe para si a responsabilidade de sentir-se ou não satisfeita com o trabalho, ignorando fatores relacionados à salubridade do ambiente, à estrutura física, à remuneração, à carga horária, à valorização profissional. Demonstrou que, para ela, a satisfação no trabalho depende de si e que, independentemente de outros fatores, o/a trabalhador/a é responsável por propiciar sua satisfação:

*É... na verdade um bom emprego é a gente que faz né!? Um bom trabalho também. Eu acho que... a gente querer tá num lugar bom, a gente faz tudo dar certo. Acho que é isso. (Alexandrita – E).*

Já *Esmeralda*, de uma forma tímida, alegou estar parcialmente insatisfeita e relacionou o fato de estar estudando na EJA como materialização dessa insatisfação. Emergiu também de sua fala o sentido da educação como forma de capacitação para conseguir uma ocupação melhor e alcançar ascensão financeira. A satisfação no trabalho é por ela atrelada ao retorno financeiro como é possível observar em sua fala:

*Financeiramente não vou dizer que estou satisfeita porque se eu estou na EJA é porque eu quero um serviço melhor, eu quero uma faculdade, eu quero financeiramente lá na frente estar bem melhor. Pra mim, por enquanto, ainda tá bom, eu não tenho do que reclamar, mas eu quero o melhor pra mim e pros meus filhos. (Esmeralda – E).*

A satisfação e/ou a responsabilização em se sentir satisfeito/a com a ocupação atual ficou evidente no discurso da maioria dos/das jovens que se encontram desempregados/as ou já passaram pela experiência da ausência de emprego. Essa situação pode ser compreendida sobre o viés de que, na sociedade contemporânea, em que o

desemprego em massa tem atingido a classe trabalhadora, ou como Antunes (2009) preferiu chamar de a classe-que-vive-do-trabalho. Estar empregado/a ainda se coloca em uma condição melhor do que estar desempregado/a, isso não por se exaltar o trabalho assalariado, mas em virtude de que, dentro do sistema capitalista, estar fora do trabalho se constitui como uma forma de brutalidade e frustração pessoal, ainda maior do que é vivenciado no interior do trabalho.

Além da precarização do trabalho descrita anteriormente, grande parte dos trabalhadores e das trabalhadoras, não somente no Brasil, mas no mundo, enfrentam uma esfera de “desemprego estrutural” (ANTUNES, 2009, 2015; FRIGOTTO, 2009, 2013). Essa ausência de emprego acaba por excluir parte da classe trabalhadora do mercado de trabalho e, de forma muito acentuada, atinge as juventudes.

Os sentidos da falta de emprego para duas participantes estão vinculados a sentimentos negativos, em que as jovens se sentiram entediadas, chateadas e vulneráveis. A fala de *Alexandrita* demonstra isso com bastante clareza:

*Foi tedioso. Foi bem chato ficar em casa, assim. Por isso que eu fiquei só três meses e já fui procurar outro emprego. (Alexandrita – E).*

Entre a diversidade de sentidos constatados por Bajoit e Frassen (1997, p. 80), em sua pesquisa realizada com jovens em condição de desemprego, um dos sentidos destacados pelos autores foi relacionado à “inutilidade”. Isso foi identificado, também, na fala de uma jovem casada que participou de nosso estudo:

*Com relação ao desemprego, eu tinha a sensação de que não estava sendo útil. Eu pensava: - Poxa, agora eu estou desempregada e nós temos as contas dentro de casa, filho... ficava aquela sensação ruim. (Rubi – E).*

Esse sentido de inutilidade atribuído ao desemprego, está relacionado ao sentimento de desvalorização pessoal e social sentido como um traço comum entre os/as jovens desempregados/as, que ainda se une à sensação de incapacidade mediante o que estão vivenciando, por não conseguirem sair dessa situação (BAJOIT; FRASSEN, 1997).

Após termos identificado as complexas relações que se estabelecem entre educação e trabalho e os diversos sentidos que transversalizam essas relações, abordamos os desafios vivenciados pelos/as jovens participantes deste estudo, no que diz respeito à conciliação entre educação e trabalho ou a sua inserção profissional.

## CONCILIAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO, TRABALHO E INSERÇÃO PROFISSIONAL

A conciliação entre educação e trabalho está presente na vida de muitos/as jovens brasileiros/as pertencentes às camadas populares, por sua incidência em grande escala, sinalizada por diversos/as autores/as em seus estudos (ABRAMO, 2005; DAYRELL; JESUS, 2016; SPOSITO; SOUZA; SILVA, 2018). Essa problemática, atualmente, faz parte das prioridades da Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude, embora que ainda não exista nenhuma Política Pública consistente que consiga dar conta de resolvê-la na vida da juventude brasileira (SILVA; MACEDO; FIGUEIREDO, 2015).

No caso específico dos/das jovens que participaram deste estudo, com exceção de duas (*Alexandrita e Jade*), os/as demais trabalham ou, no caso das desempregadas (*Safira e Rubi*), trabalhavam durante o dia em tempo integral e a noite frequentavam a EJA, em busca de concluir o Ensino Médio e obter a certificação da Educação Básica. Para a maioria dos entrevistados/as, a conciliação entre educação e trabalho não ocorre de forma simples e harmoniosa, e mesmo para as jovens desempregadas quando ainda estavam nos seus empregos, as quais conciliavam essas duas atividades com certa dificuldade.

É pertinente destacarmos que, no Brasil, nem todos/as os/as jovens têm condições físicas e emocionais para continuarem conciliando educação e trabalho, como fazem a maior parte de nossos/as depoentes. Nesse sentido, há um percentual considerável de jovens que “[...] não conseguem articular tais dimensões” e abandonam a escola para permanecer nos seus empregos por uma questão de sobrevivência (DAYRELL; JESUS, 2016, p. 413).

Ao final deste tópico, é importante salientarmos que todos/as participantes deste estudo, independentemente de já terem se inserido profissionalmente ou ainda estarem “batalhando” por sua inserção profissional, estão cursando o Ensino Médio na EJA, com vistas à conclusão da Educação Básica, por acreditarem que a educação pode contribuir no seu acesso ou melhor colocação no mercado de trabalho. Se levarmos em consideração o que apontam as pesquisas, podemos prever que alguns deles, ao obterem sua certificação, se decepcionarão ao constatar que não existe atualmente uma linearidade entre “[...] a elevação do nível de escolaridade da população jovem e o emprego” (SPOSITO, 2011, p. 104).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado neste artigo buscou compreender os sentidos da educação e do trabalho para estudantes da EJA, de um Centro Educacional público do município de Itajaí-SC. A pesquisa proporcionou uma compreensão mais próxima, que partiu da narrativa dos sujeitos que compartilharam suas experiências de desemprego, situação escolar e laboral, bem como suas dificuldades ou facilidades em conciliar educação e trabalho.

Os/as participantes da investigação estão na faixa etária entre 18 e 29 anos de idade e, por se tratar de indivíduos jovens, a situação ideal seria que pudessem usufruir o direito de ter uma formação educacional de qualidade, em que pudessem se dedicar somente aos estudos, e, posteriormente, ao concluírem, iniciassem a sua vida laboral. Entretanto, tenho conhecimento que os/as jovens das camadas populares precisam se inserir no mercado de trabalho, muitas vezes, precocemente, sem nem mesmo concluir a Educação Básica, pois precisam colaborar com o sustento familiar, fato que ocorreu com todos/as os/as jovens que entrevistamos.

O início precoce na vida laboral instaura outro dilema na vida dos/as jovens que optam por dar continuidade aos estudos, de forma concomitante com seu emprego: a conciliação entre educação e trabalho, seja sua ocupação formal ou informal. Conforme foi apontada pela maioria dos participantes deste estudo, a conciliação dessas duas atividades não ocorre sem percalços.

Nesse exercício de conciliar educação e trabalho, as jovens mulheres das camadas populares apresentam maiores dificuldades, pois, além de terem um emprego remunerado, precisam dar conta dos afazeres domésticos e/ou do cuidado com os filhos e o cônjuge. Mesmo que, em alguns casos, o parceiro tenha consciência e tome para si algumas tarefas, elas ainda são responsabilizadas pela maior parte do trabalho a ser realizado no ambiente privado, o que demanda um maior desgaste físico e emocional se comparado aos jovens do sexo masculino.

A EJA torna-se uma opção para o/a jovem trabalhador/a que deseja estudar para concluir a Educação Básica, ou, nos casos em que está vinculada a programas de formação profissional, o objetivo é obter qualificação em nível profissionalizante. O fato de o tempo total de estudo ser menor do que se estivesse cursando o Ensino Fundamental

ou Médio na Educação Básica *regular* se torna um grande atrativo para o/a jovem optar por estudar na EJA. Entretanto, isso não serve de pretexto para se ofertar um processo de formação acelerado e/ou fragilizado que resulte apenas em certificação, sem contribuir com a formação humana do indivíduo, garantindo, assim, o reconhecimento do direito à educação de qualidade.

Dito isso, é valoroso ressaltar que os sentidos aqui expressados pelos/as alunos/as têm uma conotação própria, individual, portanto, subjetiva, constituída pelos sujeitos a partir da heterogeneidade de sua condição juvenil e de suas vivências em relação à educação e ao trabalho.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 25-36, maio/ago. 1997, n. 6, set./dez. 1997.

\_\_\_\_\_. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (Orgs). **Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2011. p. 37-72.

ALBANOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARROYO, Miguel. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares?. **REVEJ@**, v. 1, n. 0, p. 1-18, ago. 2007.

\_\_\_\_\_. Trabalho – educação e teoria pedagógica. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Educação e crise no trabalho: perspectivas de final de século**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 138-165.

BAJOIT, Guy; FRANSSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 76-94, maio/ago. 1997, n. 6, set./dez. 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

\_\_\_\_\_. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 248, p. 27833-27841, 23 dez. 1996.

\_\_\_\_\_. **Decreto Nº 5.840, de 13 de julho de 2006**. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/decreto/d5840.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5840.htm). Acesso: 08 mar. 2019. 2006a

\_\_\_\_\_. Lei Nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 27, p. 1-2, 7 fev. 2006b.

\_\_\_\_\_. **Lei Nº11. 692, de 10 de junho de 2008**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Projovem, instituído pela Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005; altera a Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004; revoga dispositivos das Leis nºs 9.608, de 18 de fevereiro de 1998, 10.748, de 22 de outubro de 2003, 10.940, de 27 de agosto de 2004, 11.129, de 30 de junho de 2005, e 11.180, de 23 de setembro de 2005; e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11692.htm). Acesso em: 04 fev.2019.

\_\_\_\_\_. **Lei Nº 12.513, de 26 de outubro de 2011**. Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec); altera as Leis nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, que regula o Programa do Seguro-Desemprego, o Abono Salarial e institui o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), nº 8.212, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre a organização da Seguridade Social e institui Plano de Custeio, nº 10.260, de 12 de julho de 2001, que dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior, e nº 11.129, de 30 de junho de 2005, que institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem); e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Lei/L12513.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12513.htm). Acesso em: 04 fev. 2019

\_\_\_\_\_. Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 120-A, edição extra, p. 1-7, 26 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Resolução Nº 3, de 15 de junho de 2010. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 113, p. 66, 16 jun. 2010.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude: as identidades são múltiplas. **Juventude, Educação e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 52-72, maio 2000.

CIAVATTA, maria. A formação integrada a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. **Trabalho necessário**, Niterói, v. 3, n. 3, p. 1-20, 2005.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

\_\_\_\_\_. A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez Tarcisio; JESUS, Rodrigo Ednilson. Juventude, ensino médio e o processo de exclusão escolar. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 135, p. 407-423, abr./jun. 2016.

FONSECA, Maria da Conceição F. R. **Educação Matemática de Jovens e Adultos: especificidades, desafios e contribuições**. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 168-194, jan./abr. 2009.

\_\_\_\_\_. Educação e qualificação de jovens e adultos pouco escolarizados: promessa integradora num tempo histórico de produção destrutiva. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 31, n. 2, p. 389-404, maio/ago. 2013.

\_\_\_\_\_. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 168-194, jan./abr. 2009.

GROPPO, Luis Antônio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFIL, 2000.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (Orgs). **Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2011. p. 149-174

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese dos Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018a. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílios – PNAD CONTÍNUA**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf). Acesso em: 19 jan. 2019.

ITAJAÍ. Secretaria de Educação. **Diretrizes Municipais para Educação de Jovens e Adultos**. Itajaí: Secretaria de Educação, jan. 2016.

LÉON, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções as abordagens. In: FREITAS, Maria Virgínia. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 9-18.

MARX, Karl; ENGELS, Fiedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES Romeu. **Pesquisa Social: teoria método e criatividade**. Petropolis: Editora Vozes, 2018. p. 9-28

\_\_\_\_\_. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (Orgs). **Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2011. p. 37-72.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 134-150, maio/ago. 1997, n. 6, set./dez. 1997.

OIT. Organização Internacional do trabalho OIT. **Futuro do trabalho no Brasil: perspectivas e diálogos tripartites**, 2018. Disponível em: [https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasil/documents/publication/wcms\\_626908.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasil/documents/publication/wcms_626908.pdf). Acesso em: 10 jan. 2019.

PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009.

PARO, Vitor Henrique. Parem de preparar para o trabalho!!! Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. In: FERRETI, C. et al. (Org). **Trabalho, formação e currículo**. Para onde vai à escola? São Paulo: Xamã, 1999.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 15-24, maio/ago. 1997, n. 6, set./dez. 1997.

POCHMANN, Márcio. Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 383-399, maio/ago. 2004.

SAVIANI, Nereide. **Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo-método no processo pedagógico**. Campinas, Autores Associados, 2004.

SCHARF, Dalva Mendes. **Avaliação da aprendizagem em um programa de EJA: o processo de elaboração de uma prática pedagógica**. 2006. 107 f. (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2006.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilini. Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 72-81, 2000.

SILVA, Enid Rocha Andrade; MACEDO, Débora Maria Borges de; FIGUEIREDO, Marina M. A. **Conciliação dos estudos, trabalho e vida familiar na juventude brasileira**. Organização Internacional do Trabalho (OIT). OIT Escritório no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Brasília: OIT, 2015



SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto da Cidadania, 2011. p. 87-127.

\_\_\_\_\_. (Coord.). **Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras**. São Paulo: Global, 2007.

SPOSITO, Marília Pontes; SOUZA, Raquel; SILVA, Fernanda Arantes e. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, 2018. p. 1-24.

*Recebido em: 15/05/2022*

*Aprovado em: 18/06/2022*

*Publicado em: 23/06/2022*